

1525230

Crise afeta o turismo no Convento

Nem mesmo toda a força divina, ao que parece, está ajudando o movimento de um dos maiores pontos turísticos do Estado: o Convento da Penha. Os ônibus que subiam a íngreme ladeira do convento trazendo fiéis e turistas de todas as partes do país e do Estado agora foram substituídos pelos carros de passeio, que não chegam a ocupar todo o estacionamento. Ontem, um domingo de férias, era o melhor termômetro para se medir esse fraco movimento.

No último bar que funciona dentro da área do Convento da Penha e que é explorado pela Igreja, o movimento era bastante fraco. As pessoas que iam aos caixas compravam, na sua maioria, água mineral e um salgadinho. Os pacotes de biscoito permaneciam intactos nas prateleiras.

Comprometido

Um dos caixas em serviço, Vantuil Mees, há 26 anos no local, revelou que esse é, certamente, o movimento mais fraco que já pôde constatar. "Tivemos uma queda de pelo menos 70%, comparando com os anos anteriores". Ele conta, por exemplo, que, no mesmo período do ano passado, o trabalho para atender aos visitantes era muito maior. Hoje, nem sequer se formam filas nos caixas.

Vantuil Mees ressalta, ainda, que nos dias de semana a situação está pior. "Os turistas praticamente sumiram. Como você mesmo pode observar, a maioria das pessoas que está aqui hoje é do interior do Estado ou da Grande Vitória. Elas chegam, perguntam os preços, mexem no dinheiro e acabam pedindo uma água mineral ou balas para as crianças". Ele reclama que nem pão as pessoas estão comprando: já levam de casa.

Para Altton Alves dos Santos, outro caixa do bar, dois fatos são diretamente responsáveis por essa queda no movimento: a crise e o calendário escolar, que foi tumultuado com as greves. E ele ainda pinta um quadro mais negro para a situação.

"Se nós estamos no que seria o maior período de faturamento, imagine nos meses seguintes. Agora o movimento só voltará a crescer nos meses de dezembro e janeiro. Posso garantir que tivemos uma queda, sem exagero, de 70%. O jeito agora é esperar que as coisas melhorem no próximo ano, porque esse já está comprometido".

No bazar que funciona ao lado do bar, vendendo imagens, cartões postais, quadros e outros objetos religiosos, a situação é a mesma. Os fiéis entram, olham, perguntam os preços, falam sobre a beleza visual do local e deixam as compras para a próxima visita.

"Nunca tivemos um movimento tão fraco como agora". O desabafo é de Judite Vieira de Freitas, há seis anos trabalhando na loja. Ela conta que, com exceção dos cartões postais, o restante dos objetos tem tido uma saída mínima. Nem mesmo os quadros de Cz\$ 40,00 atraem a atenção dos consumidores.

Judite Vieira também sente a falta dos turistas que, segundo ela, andam mais raros "do que aumento nos salários". Da mesma forma que os caixas

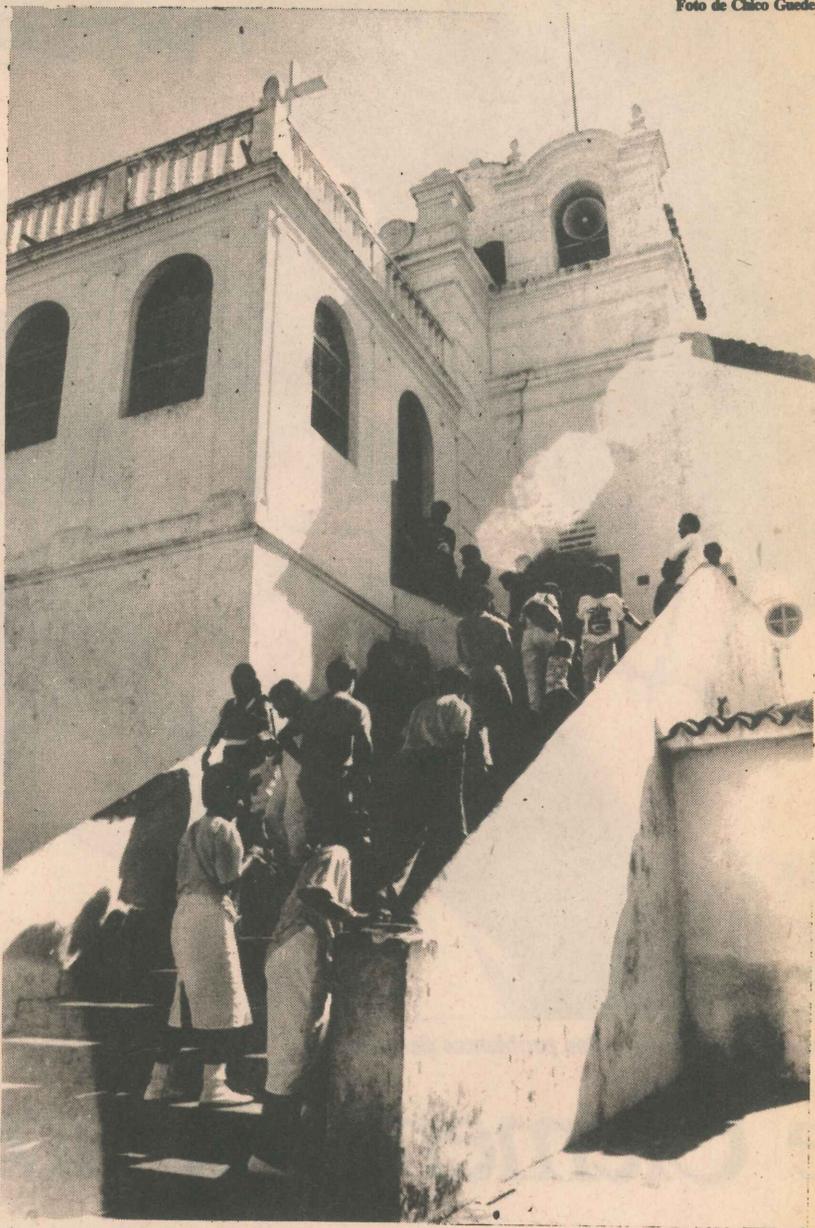


Foto de Chico Guedes

A presença de fiéis diminuiu e o comércio próximo foi prejudicado

do bar ao lado, a funcionária coloca a culpa do fraco movimento na crise econômica e no calendário escolar. "A resposta para isso é simples. Nosso maior faturamento é feito em cima dos estudantes e dos turistas. Se eles não aparecem, a caixa fica vazia", esclarece Judite Vieira.

Mas não é só o comércio que funciona na área do Convento da Penha que se ressentida da queda do movimento. O comércio localizado nos arredores da subida do convento também está à cata de consumidores. Numa loja de objetos religiosos, a vendedora Rosângela Barcellos Barbosa define a situação em apenas duas palavras: "Está horrível".

"Não é somente aqui na loja que notamos uma queda no movimento, mas em todo o comércio. É falta de grana mesmo. Isso aqui já esteve muito melhor, agora a coisa está feia. O movimento deve ter caído uns 60% nos últimos três meses. Na hora do almoço, por exemplo, dá vontade de fechar a loja e ir embora. Você não vê uma viva alma", lamenta a vendedora.

E os reflexos da crise estão afetando até mesmo os mendigos e deficientes físicos que ficam espalhados pela ladeira e escadarias do Convento da Penha. O baixo poder aquisitivo dos fiéis está sendo mais forte do que sua vontade de ajudar aos mais necessitados. Alguns deixam à mostra apenas algumas moedas e notas de Cz\$ 1,00. Os pedidos de "uma esmolinha pelo Amor de Deus" ecoam no vazio e na indiferença dos visitantes.

As barraquinhas da Praia da Costa também sempre foram um ponto de referência para os turistas que visitam o Estado. Ali, ninguém dispensa uma cerveja ou um coco gelado. Mas, apesar do domingo de sol forte, convidativo à praia e à cerveja, o movimento nas barraquinhas na manhã de ontem deixava claro, definitivamente, que crise não combina com consumo. A maioria estava praticamente vazia.

João Mário Pires de Camargo, proprietário de uma barraca e há nove meses no local, revela que o movimento tem caído a cada dia. "Durante a noite o movimento é fraco, durante o dia não existe". Ele conta, ainda, que além do inimigo número um dos comerciantes, que é a crise, eles também têm que enfrentar um outro, que é o vento. Quando o vento está mais forte, à noite, as pessoas vão embora mais cedo. Segundo João Mário Pires, mesmo quando o movimento melhora um pouco isso é "suspeito", porque as pessoas estão gastando bem menos.

As mesmas reclamações foram feitas por Cristina de Oliveira, proprietária de uma barraca lá há três meses. Ontem, às 10h30m, sua barraca não tinha um único freguês. Enquanto um filho menor de Cristina descascava um coco, ela se preocupava em arrumar o interior do comércio. Revela que durante a semana, mesmo com as férias, o movimento não pode nem ser classificado como ruim, porque não existe. No final de semana, melhora um pouco, mas somente à noite.